

AUGUSTO MEYER

Heinrich Heine
O NAVIO NEGREIRO

O sobrecarga Mynherr van Koek
Calcula no seu camarote
As rendas prováveis da carga,
Lucro e perda em cada lote.

“Borracha, pimenta, marfim
E ouro em pó... Resumindo, eu digo:
Mercadoria não me falta,
Mas o negro é o melhor artigo.

Seiscentas peças barganhei
– Que pechincha! – no Senegal;
A carne é rija, os músculos de aço,
Boa liga do melhor metal.

Em troca dei só aguardente,
Contas, latão – um peso morto!
Eu ganho oitocentos por cento
Se a metade chegar ao porto.

Se chegarem trezentos negros
Ao porto do Rio Janciro [sic]
Pagará cem ducados por peça
A casa Gonzales Perreiro [sic].

De súbito, Mynheer van Koek
Voltou-se, ao ouvir um rumor;
E' o cirurgião de bordo que entra,
E' van der Smissen, o doutor.

Que focinheira verrugenta!
Que magreza desengonçada!
“E então, seo doutor, diz van Koek,
Como vai a minha negrada?”

Depois dos rapapés, o médico,
Sem mais prolóquios, relatando:
“A contar desta noite, observa,
Os óbitos vêm aumentando.

Em média eram só dois por dia,
Mas hoje faleceram sete:
Quatro machos, três fêmeas, perda
Que arrolei no meu balancete.

Examinei logo os cadáveres,
Pois o negro desatinado
Se finge de morto, esperando,
Deitado ao mar, fugir a nado!

Seguindo à risca as instruções,
Ao primeiro clarear da aurora,
Mandei retirar os grilhões
E – carga ao mar! – sem mais demora.

Os tubarões, meus pensionistas,
Acudiram todos, em bando.
Carne de negro é manjar fino
Que aparece de vez em quando.

Mal nos afastamos da costa,
Rastreiam o barco, na esteira,
Farejando de muito longe
Os eflúvios da petisqueira.

Edificante é o espetáculo,
Pois o tubarão narigudo
Não escolhe cabeça ou perna
E abocanha, devora tudo!

Como se o opíparo banquete
Fosse um simples aperitivo,
Põe-se a rondar, pedindo mais,
Sempre à espreita e de olho vivo.”

Mas o inquieto van Koek lhe corta
O relato em meio... Como há de
Remediar-se a perda, pergunta,
Combatendo a letalidade?

Responde o doutor: “Natural
E’ a causa; os negros encerrados,
A catanga, a inhaca, o bodum
Deixam os ares empestados.

Muitos, além disso, definham
De banzo ou de melancolia;
São males que talvez se curem
Com música, dança e folia.”

“O Conselho é de mestre! , exclama
Van Koek. O preclaro doutor
E’ perspicaz como Aristóteles,
Que de Alexandre era mentor!

Eu, presidente dos Amigos
da Tulipa em Delft, declaro
Que, embora sabido, a seu lado
Não passo de aprendiz, meu caro.

Música! Música! A negrada
Suba logo para o convés!
Por gosto ou ao som da chibata
Batucará no bate-pés!”.

O céu estrelado é mais nítido
Lá na translucidez da altura.
Há um espreitar de olhos curiosos
Em cada estrela que fulgura.

Elas vieram ver de mais perto
No mar alto, de quando em quando,
O fosforear das ardentias.
Quebra a onda, em marulho brando.

Atrita a rabeça o piloto
Sopra na flauta o cozinheiro,
Zabumba o grumete no bombo
E o cirurgião é o corneteiro.

A negrada, machos e fêmeas,
Aos gritos, aos pulos, aos trancos,
Gira e regira: a cada passo,
Os grilhões ritmam os arrancos

E saltam, volteiam com fúria incontida,
Mais de uma linda cativa
Lúbrica, enlaça o par desnudo —
Há gemidos, na roda viva.

O beleguim é o *maître des plaisirs*,
E’ ele quem manda e desmanda;
Instiga o remisso a vergalho
E rege a gritos a sarabanda.

E tataratá e denderendém!
O saracoteio insano
Desperta os monstros que dormem nas ondas
Ao profundo embalo do oceano.

Tubarões, ainda tontos de sono,
Vêm vindo, de todos os lados;
Querem ver, querem ver para crer,
Estão de olhos arregalados.

Mas percebem que o desjejum
Longe está e logo, impacientes,
Num bocejo de tédio e fome,
Arreganham a serra dos dentes.

E tataratá e denderendém!
Não tem fim a coréia estranha.
Mais de um tubarão esfaimado
Sua própria cauda abocanha.

Eles não querem saber de música,
Como outros do mesmo jaez.
“Desconfia de quem não gosta
De música”, disse o poeta inglês.

E denderendém e tataratá –
A estranha festança não tem fim.
No mastro do traquete, van Koek
De mãos postas, rezava assim:

“Meu Deus, conserva os meus negros,
Poupa-lhes a vida, sem mais!
Pecaram, Senhor, mas considera
Que afinal não passam de animais.

Poupa-lhes a vida, pensa no teu filho,
Que ele por todos nós sacrificou-se!
Pois, se não me sobraem trezentas peças,
Meu rico negocinho acabou-se.”

Nota: A tradução deste poema de Heinrich Heine, bem como o artigo sobre “Os três navios negreiros”, adiante, nunca foram editados em livro. Foram generosamente cedidos por Maria Livia Meyer de Resende Costa, filha de Augusto Meyer, que organiza os arquivos e os manuscritos do pai.

OS TRÊS NAVIOS NEGREIROS

Quase todos os críticos e anotadores de Heine apontam, como fonte provável do seu poema “Das Sklavenschiff” (O Navio Negreiro), um poema de Béranger intitulado: “Les nègres et les marionettes”. E, em nossa tradição crítica, o poema de Heine tem sido apontado mais de uma vez como fonte do “Navio Negreiro”, de Castro Alves. Agora mesmo, em artigo recente, Fausto Cunha observa: “Acresce que a inspiração do Navio Negreiro não veio do tráfico, e sim do poema de Heine, divulgado em tradução francesa. A fonte heiniana é tão óbvia, que me dispense de comentá-la.”

Não será ocioso tentar um cotejo dos três poemas, do ângulo das coincidências temáticas e do seu tratamento poético, para verificar semelhanças e divergências mais expressivas. É muito comum a confusão entre “fonte” e “influência”, entre simples semelhança e dependência direta. A “cultura literária” está cheia dessas vagas suposições de leitores apressados, ou de críticos empenhados em revelar uma erudição inoportuna. Deste último vezo, o melhor exemplo entre nós é a tediosa enumeração de “passagens paralelas” no livro de Agripino Grieco sobre Machado de Assis. Claudio Basto, no seu estudo: *Foi Eça de Queirós um plagiador?* (Porto, Ed. Maranus, 1924), depois do paciente confronto de “passagens paralelas”, em duas colunas, entre alguns textos de Renan e Flaubert e textos de Eça, dizia, numa discriminação que vem ao nosso propósito: “Não é todavia nesses subsídios que alguém pode ver plágios, nem sequer influências, — mas fontes, que é coisa muitíssimo diversa.” Seria possível a criação literária sem o intercurso das fontes, onde todos vamos beber, ou já bebemos algum dia? Pela nossa voz também falam as vozes dos mortos, renegados ou esquecidos, para que não morra a ilusão da originalidade. De qualquer modo, é bom lembrar que “fonte”, no sentido restrito e literário, não envolve senão uma idéia de “sugestão”, “subsídio”, “informação”, “estímulo”, não implicando necessariamente a idéia de “influência”.

“Les nègres et les marionettes”, que traz a indicação em subtítulo “Fable”, é uma cantiga bem na feição de Béranger, lépida, vivaz, espirituosa, com anotação de ária para o canto. São apenas cinco oitavas em octossílabos, com um verso-refrão no fim de cada estrofe: “Bons esclaves, amusez-vous”. Um capitão de navio negreiro, impressionado com a perda de escravos na travessia, resolve montar a bordo um teatro de *marionettes*, para distraí-los. As aventuras de Polichinelo, do comissário, do rei dos corcundas, provocam o esquecimento e o riso. Já não sentem o peso dos grilhões, os pobres cativos. E, quando aparece o Diabo, preto retinto, dando voz de prisão a Polichinelo, está assegurado o grande sucesso do espetáculo: o herói do teatrinho é um negro, como eles. Na última estrofe, manifesta-se a intenção de crítica social. Numa translação de sentido, mostra Béranger que os reis, quando ameaçados no seu poder, tratam de distrair o povo com brinquedos. E os escravos somos todos nós:

*N'allez pas vous lasser de vivre:
Bons esclaves, amusez-vous.*

Se Heine realmente bebeu nessa fonte, penso que foi como simples sugestão inicial e primeiro impulso. O espetáculo de *marionettes*, remédio contra o banzo e a perda de peças (*quel débouché!*, exclama o capitão) sugeriu-lhe a solução da dança higiênica e obrigatória. Mas é difícil descobrir outras afinidades entre os dois poemas, tão diverso é o tratamento literário, a visão poética, a tônica dominante. Objetivo, implacável na sua aspereza realista, sem a menor concessão à retórica do abolicionismo, ou mesmo a qualquer desfalecimento sentimental, o poema de Heine pertence ao ciclo “Gedichte, 1853-1854”, publicado no primeiro volume dos *Vermischten Schriften* (Hamburg, Hoffmann und Campe, 1954, p. 123-214). Reflete aquela tonalidade original – “ein ganz neuer Ton”, dizia ele mesmo – que viria a caracterizar a série denominada pela crítica heiniana: “Matratzenlyric”, isto é, a “lírica de colchão”, quando o poeta, martirizado pela doença e imobilizado no leito, queimava as últimas reservas de gênio, sarcasmo e graça. A tradução francesa de Saint-René Taillandier, feita em cima das provas tipográficas, saiu quase ao mesmo tempo na *Revue des deux mondes*, de novembro de 1854 (v. p. 542 ss.). A versão em prosa acompanha com fidelidade o texto e vem precedida de uma nota do tradutor, em que se refere aos sofrimentos do poeta, apesar de tudo ainda em pleno vigor da imaginação criadora.

Resumindo o conteúdo: Mynher van Koek, o sobrecarga do navio, impressionado com a perda de sua mercadoria mais valiosa, os escravos consignados à firma Gonçalves Pereira, do Rio de Janeiro, convoca a opinião de Van der Smissen, cirurgião de bordo. Esclarece o doutor: em média, morriam só dois por dia, carga jogada ao mar depois de um prudente exame, pois o negro se finge de morto, na desvairada esperança de fugir a nado. Mas agora, os tubarões vão banquetear-se, com o aumento crescente da letalidade. O alarmado Van Koek lhe corta o relato em meio, perguntando como remediar-se a perda, combatendo a causa das mortes.

Responde o doutor: “Natural
É a causa; os negros encerrados,
A catinga, a inhaca, o bodum
Deixam os ares empestados.

Muitos, além disso, definham
De banzo e de melancolia;
São males que talvez se curem
Com música, dança e folia.

A Mynher van Koek parece genial a receita e exclama, entusiasmado:

Música! Música! A negrada
Suba logo para o convés!
Por gosto ou ao som da chibata,
Batucará no bate-pés!

No poema de Heine, a dança dos negros não é uma cena acessória, como em Castro Alves, mas um lance fundamental. Os escravos dançam para não morrer e não dar maior prejuízo a van Koek. É, no fundo, uma viva ilustração das críticas marxistas à alienação burguesa e às contradições internas do Capitalismo, tais como as entendia o poeta. E o fecho terrível do poema, a fervorosa oração de van Koek, parece mais impressionante, como poesia combativa, do que todas as deblaterações da propaganda abolicionista. Encostado ao mastro do traquete, van Koek implora a divina assistência:

Meu Deus, conserva os meus negros,
Poupa-lhes a vida, sem mais!
Pecaram, Senhor, mas considera
Que afinal não passam de animais.

Poupa-lhes a vida, pensa no teu Filho,
Ele por todos nós sacrificou-se!
Pois, se não me sobrarem trezentas peças,
Meu rico negocinho acabou-se.

As cousas falam por si mesmas, sem interferência aparente do autor, que se mantém, por assim dizer, na atitude passiva de um leitor qualquer, ou como espectador interessado no espetáculo. A primeira parte — as vinte e uma quadras iniciais — é tratada com a técnica de um novelista; o autor deixa falar Mynher van Koek pelo monólogo interior, e a seguir, desenvolve um diálogo, travado entre o sobrecarga e o cirurgião. Não há vestígio algum de comentário subjetivo. Só na segunda parte — quatorze quadras — parece mais próxima a presença do poeta. Nas duas primeiras quadras, ressurgem o Heine do *Intermezzo*, o namorado das estrelas, e o tom é o mesmo levíssimo harpejo que desafia os melhores tradutores e só a interpretação musical consegue reproduzir:

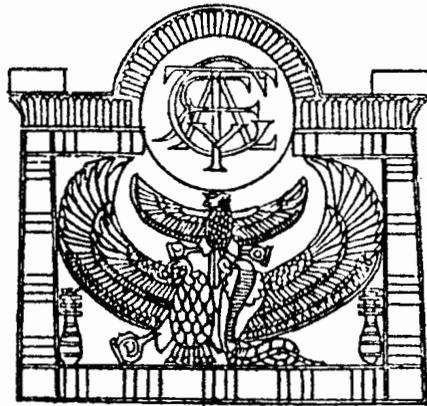
O céu estrelado é mais nítido
Lá na translucidez da altura.
Há um espreitar de olhos curiosos
Em cada estrela que fulgura.

Elas vieram ver de mais perto
No mar alto, de quando em quando,
O fosforear das ardentias.
Quebra a onda, em marulho brando.

Bastam a Heine essas duas quadras, para contraste poético: a imensidão sideral picada de astros, o silêncio cósmico em contraposição ao triste espetáculo da agitação humana. Em Castro Alves, há vestígios dessa paisagem oceânica nas quadras iniciais do *Navio Negreiro*. São, aliás, os únicos pontos de encontro que podemos descobrir entre dois poemas tão desencontrados: a dança dos negros e a grandiosa majestade do cenário atlântico.

No poema de Castro Alves, o orador popular, o agitador de praça pública estão sempre em evidência, e, desde as primeiras estrofes, pressentimos o seu gesto arrebatado, a sua voz de comício. Apostrofando o céu, o mar, os marinheiros, o albatroz, o barco, meio mundo, ele se afasta por completo de qualquer objetividade e parece que apenas quer ouvir a sua própria voz, inebriar-se da sua generosa indignação. Não há transição alguma da parte introdutória, em que o discurso todo ele se desenvolve no presente (Estamos em pleno mar...) para o fragmento quarto, assinalado pelo imperfeito (Era um sonho dantesco). Nesse quarto fragmento, não sabemos que dança poderá ser aquela, não percebemos qualquer motivação que esclareça ou venha sugerir ao leitor uma razão para aquele saracoteio fantástico. Castro Alves, que leu o poema de Heine, sabe que a dança é uma receita do médico de bordo, uma solução higiênica, prática, brutal, para combater a letalidade. Mas o leitor desprevenido, que nunca ouviu falar no *Navio Negreiro*, de Heine, fica a ver não se que visagens. A crueldade, o absurdo daquele batuque forçado parecem-lhe inteiramente arbitrários. É claro que o episódio coreográfico introduzido gratuitamente no poema sem motivo aparente é a melhor comprovação de que o nosso poeta não desconhecia o poema de Heine, vertido em francês. Não soube aproveitar do lance, todavia, senão o aspecto superficial, de visão trágica, para o seu jogo plástico de contrastes hugoanos. Castro Alves, que acreditava na inspiração romântica e no improviso da oratória, gastou-se logo por não saber poupar as forças. Eterno adolescente, jamais atingiu a maturidade poética. A eloquência foi o anjo mau deste poeta, vigoroso mas impuro, a oscilar entre o melhor e o pior, quase sempre tentando acabar a estrofe, encher o esquema rítmico do verso com a ênfase do gesto e da voz.

Em resumo, o cotejo dos “três navios negreiros” vem mostrar que o mesmo tema comporta variações que podem chegar ao contraste. A “fonte” sugere as cousas mais diversas, conforme o temperamento e a singularidade da visão poética. Parece que a intenção de Béranger não era propriamente desenvolver o tema do navio negreiro, mas aproveitar uma variante pitoresca da sua famosa canção *Les marionnettes*. A moralidade da



EX-LIBRIS DE THÉOPHILE GAUTIER